

Jazz

9 de outubro 2013

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Susana Santos Silva e Torbjörn Zetterberg

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Trompete Susana Santos Silva Contrabaixo Torbjörn Zetterberg

Qua 9 de outubro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

Uma cabana na floresta

É inevitável ouvir *Almost Tomorrow* e os concertos (este a que agora vamos assistir depois de outros que se sucederam pela Europa) que saíram desse disco recentemente editado como se fosse uma bem-vinda história de elevação humana, tão mais gratificante porque surgida em tempos de indignidade. Há uma narrativa interior nesta música, e a dita fala-nos de uma descoberta do outro, de si mesmo e de si mesmo no outro. O que Susana Santos Silva e Torbjörn Zetterberg tocam juntos é, indubitavelmente, um ato de transcendência.

Um ato de transcendência que se vai renovando sempre que têm a oportunidade de um reencontro, seja nos países em que nasceram, Portugal e Suécia, como em outros onde se tem valorizado o magnífico exemplo que dão – o último foi em Ljubljana, no passado mês de julho. Com eles se vem confirmando que improvisar não é apenas o mais autêntico e introspetivo processo de criação musical. É também um instrumento de partilha e comunhão. Algo que somente se materializa nessa zona indefinida entre o social e o metafísico.

Susana e Torbjörn conheceram-se em setembro do ano passado no Portalegre Jazz Fest. Ele assistiu ao concerto do grupo de que a portuense é membro fundador, Lama, que na ocasião teve o saxofonista e clarinetista Chris Speed como convidado especial, e ela, na noite seguinte, esteve atenta à prestação do trio do contrabaixista com Jonas Kullhammar e Espen Aalberg.

Poucos meses depois já tinham ouvido tudo o que um e outro editaram em disco e, logo a seguir ao Natal, Susana e Torbjörn reuniram-se numa cabana situada na encosta de uma montanha do Norte da Suécia, a Storvalen. Levaram os instrumentos e equipamento de gravação e aí permaneceram, em plena floresta, durante cinco dias, apenas regressando às suas agendas pessoais a 1 de janeiro de 2013.

«Deixámo-nos contaminar por toda aquela natureza em estado puro», conta Susana. «O primeiro *take* que gravámos, sem qualquer preparação, é a primeira faixa do disco. Perdemo-nos e encontramos-nos naquela montanha coberta de neve, imersos num ambiente simultaneamente agreste e belo, como que cristalizados no tempo e no espaço. Todos os dias saíamos para nos impregnarmos de vida, numa natureza que por instantes dela se suspende e finge a morte em estado de graça, para logo voltarmos ao nosso “laboratório” a fim de registarmos essas experiências, esses sentimentos, essas descobertas.»

Se para Torbjörn era já evidente que tocar uma música integralmente improvisada significava uma descoberta mútua («Primeiro descobri a Susana minimalista dos Lama, depois a Susana em contexto *big band* da Orquestra Jazz de Matosinhos e a Susana *free* e, finalmente, a Susana pessoa»), foi-lhe importante testar no limite o peso da situação em que estavam inseridos e verificar de que modo a música saía influenciada. «Os humanos são assim, e isso é o que têm até de mais natural: respondem às situações em que se encon-

tram. Colocamo-nos no desconhecido e, se não exercermos demasiada resistência, lidamos com as novas situações de forma criativa.»

Acrescenta Susana: «Partilhámos tudo isso durante cinco intensos dias e tudo foi acontecendo de modo muito intimista, e sim, de descoberta mútua, de exploração, como se fôssemos dois miúdos a sentir o mundo com olhos sedentos de desconhecido e o coração à escuta, ansioso por se deixar levar pelo som avassalador do silêncio que pairava na floresta gelada, sob a luz da lua e das estrelas. Foi muito especial, e se conseguirmos passar um pouco dessa vivência a quem nos ouvir ficarei muito feliz!»

Susana e Torbjörn levaram algumas composições para a cabana, mas os papéis não saíram das mochilas. «O próprio ambiente forçou-nos a manter as coisas em aberto», comenta o segundo. «Havia já suficientes indicações a seguir, dadas pelo que nos rodeava. Bastava tocar. Sair da caixa em que nos acomodamos é o primeiro passo para a liberdade e depois é uma questão de nos dispormos a estar “ligados” e a deixar que as coisas fluam. Acho que conseguimos fazê-lo naquela montanha.»

«Aconteceu tudo muito rapidamente nesta nossa aventura», reforça Susana. «A minha intuição dizia-me que isto ia resultar, mesmo sem termos tocado juntos antes de irmos para a cabana gravar. Depois daqueles dias e dos concertos que fizemos, cresceu imenso a minha admiração pelo fantástico músico que o Torbjörn é. Mas sei que ainda há muito para descobrir e muito para explorarmos enquanto duo.»

Boa parte do que esta música transmite é a sua predisposição inquisidora e de pesquisa. Dois indivíduos sem um percurso comum disponibilizaram-se a um isolamento para se estudarem e dessa busca fazerem arte. A circunstância era de risco e podia não ter resultado, mas sabiam as duas personagens deste conto que, se o encontro fosse bem-sucedido, os desfechos poderiam ser especiais.

«Levantar questões é o que não consigo deixar de fazer desde que me conheço como gente. Sou feita de dúvidas e sou um bicho curioso», confessa Susana Santos Silva. «Fascina-me o que há para além do visível e do previsível, e às vezes sinto-me presa em sistemas preconcebidos e superestruturados. Como poderíamos nós “traduzir” Storvalen e tudo o que lá experienciamos em música feita de regras e tradições já mil vezes desbravadas? Porquê encarcerar a mente quando os sonhos já não cabem dentro de nós?»

Músico avesso a compartimentações, como de resto se confirma com o *free bop* (*hard bop* com derivações *free*) dos seus Hot Five e com a sua ainda mais despojada ligação a Ivo Perelman e Daniel Levin documentada em disco, Torbjörn Zetterberg não deixa que o seu entendimento da realidade seja formatado pelas leituras convencionais: «Pelo que tenho observado, em Portugal não há propriamente uma cena *mainstream*. Oiço o que assim é designado e descubro que se trata de jazz moderno, contemporâneo!»

Ou seja, para ele não faz sentido distinguir do jazz uma “vanguarda”,

sendo que os caminhos seguidos por Susana Santos Silva ilustram bem essa ideia. Argumenta esta, de resto: «Faço aquilo que sinto e aquilo que sou. Não poderia fazer só uma coisa ou só outra. Gosto de todos os projetos em que estou envolvida. Gosto de música, ponto final. Em outros países as diferentes cenas coabitam de forma saudável e estão muitas vezes interligadas, com músicos a moverem-se entre várias tendências e a valorizarem-se uns aos outros.»

O interessante é que começa a ser assim também no Porto de Susana, ao contrário de Lisboa, onde ainda se insiste em separar as águas. Nada como «movermo-nos por paixão e lutarmos por amor à música» (palavras suas) para que este cenário mude. Distinções à parte, e ainda que não seja claro o que tal significa, a crítica internacional tem detetado em *Almost Tomorrow* um elemento de portugalidade. «Muito surpreendido ficaria se não encontrassem esse sabor português na nossa música», comenta Torbjörn. «Para todos os efeitos, somos 50% portugueses. Não faço é a mínima ideia do que pode ser interpretado como tal.»

Também se vai escrevendo que *Almost Tomorrow* e o que se segue nos palcos é, nada mais, nada menos, do que *blues*. *Blues* portugueses germinados pelas neves nórdicas? Susana: «Esse portuguesismo não é, de todo, intencional, mas sou portuguesa, pelo que não posso estranhar. *Blues*? Hummm, interessante. Bom, é uma música de emoções, de sentimentos, é uma música de reflexões profundas e algumas não tão profundas assim, é música feita com

o coração escancarado e com a alma purificada, ou suja do mundo. É uma música que resulta de uma existência febril, de uma febre permanente que nos põe a imaginação aos pulos. Sim, talvez sejam *blues*, mas se são nunca o contrariámos. Não contrariámos nada.»

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online jazz.pt

Susana Santos Silva

Susana Santos Silva nasceu na cidade do Porto em 1979. Em 2004 concluiu a Licenciatura em Trompete da ESMAE, frequentando o último ano na Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe na classe do Prof. Reinhold Friedrich, onde também teve aulas com o Prof. Dr. Edward Tarr, Klaus Braker e Wolfram Lauel. Em 2008 concluiu a Licenciatura em Trp/Jazz na ESMAE com Laurent Filipe. Em 2010 terminou o Mestrado em Jazz Performance na Codarts em Roterdão, onde trabalhou com Eric Vloeimans, Jarmo Hoogendijk, Wim Both, Dick de Graaf e Kris Goessens.

Integra a Orquestra Jazz de Matosinhos desde 1998, com quem grava *Portology*, com Lee Konitz, *OJM Invites Chris Cheek, Our Secret World*, com Kurt Rosenwinkel e *Amoras e Framboesas*, com Maria João. Com a OJM atuou com Maria Schneider, Mark Turner, Rich Perry, John Riley, Carla Bley, Steve Swallow, Bob Berg, Rick Margitza, Perico Sambeat, Conrad

Herwig, Ingrid Jensen, Dan Weiss, Gerald Clever, John Hollenbeck, Theo Bleckman, Jordi Rossi, Kurt Rosenwinkel, Jacob Sacks e Mário Laginha, entre outros, tocando em quase todos os festivais de jazz do país assim como em Milão, Bruxelas, Boston e Nova Iorque. Faz parte da European Movement Jazz Orchestra, com quem tocou na Alemanha, Portugal, Eslovénia, Croácia, Áustria, Bélgica e Egito. Com este projeto grava para a CleanFeed 2011, o disco *EMJO Live in Coimbra*.

Com os LAMA, trio com Gonçalo Almeida e Greg Smith, sediado em Roterdão grava *Oneiros* (2011) e *Lamaçal, feat. Chris Speed* em (2013), ambos editados pela CleanFeed Records.

Outros projetos incluem um duo com o baterista Jorge Queijo, um duo com o contrabaixista sueco Torbjörn Zetterberg, um duo com a pianista eslovena Kaja Draksler e uma colaboração com o trio belga De Beren Gieren. Toca também com o Coreto Porta-Jazz e o André Fernandes Motor.

Em abril de 2011 lançou o seu primeiro disco enquanto líder do Quinteto Susana Santos Silva, *Devil's Dress*, editado pela TOAP Records. Com este quinteto tocou, entre outros, na Casa da Música no Porto, Festival de Jazz Valado de Frades, Festa do Avante, Festa do Jazz do S. Luiz e no 12 Points! Jazz Festival, Dublin em maio de 2011.

Torbjörn Zetterberg

“O quase injustamente talentoso” (*Sonic Magazine*) Torbjörn Zetterberg nasceu em Estocolmo, Suécia, na primavera de 1976. Em 2002, apenas um ano depois de terminar os seus estudos na Academia Real de Música de Estocolmo, lançou o seu álbum de estreia pela prestigiada editora sueca Moserobie Music Production. Desde essa altura já editou sete discos e foi duas vezes nomeado para os Grammy Award com *Förtjānar Mer Uppmärksamhet* (MMPCD020) e *Krissvit* (MMPCD041). Para além do seu projeto a solo, Zetterberg gravou como colíder para a Moserobie Music Production, a CleanFeed e a Ayler Records. Nos últimos anos trabalhou com Jonas Kullhammar, Carlos Garnett, Sonny Fortune, Sonny Simmons, Okay Temiz, Ivo Perelman, Bobo Stenson, Nicolas Payton, Marcus Strickland, Ron Blake, Benny Golson, Benny Bailey e Mulato Aztatke, entre muitos outros. A interpretação de Torbjörn foi descrita pelo jornal sueco *Expressen* como “força primordial e beleza numa perfeita harmonia”.

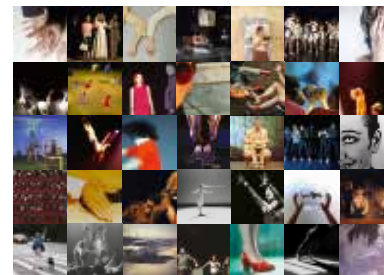
Próximo espetáculo

Concerto de Aniversário

Música Sáb 12 outubro

Grande Auditório · 18h · Dur. 1h30 · M3

Entrada gratuita. Levantamento de senha 2h antes do concerto, no limite dos lugares disponíveis.



Coro Gulbenkian
Orquestra Metropolitana de Lisboa
Direção musical Cesário Costa
Piano Pedro Burmester

1.ª Parte

Georg Friedrich Händel (1685-1759), *Music for the Royal Fireworks* (Música para os fogos de artifício reais), HMV 351

Johann Sebastian Bach (1685-1750), Concerto para cravo n.º 1, em Ré Menor, BWV 1052

2.ª Parte

António Pinho Vargas (n.1951), *Magnificat*, para coro e orquestra (Estreia absoluta. Encomenda da Culturgest)

Um dos momentos maiores das comemorações do nosso 20.º aniversário é este concerto.

O programa, que quisemos festivo e celebratório, misturando o barroco com o contemporâneo, divide-se

em duas partes. Na primeira ouvem-se a *Música para os fogos de artifício reais*, que Händel compôs em 1749, em Londres, para ser tocada, como foi, no Green Park, comemorando o fim da Guerra da Sucessão de Áustria. Doze mil pessoas assistiram ao seu ensaio geral. Segue-se o belíssimo Concerto n.º 1 para cravo de Johann Sebastian Bach, interpretado ao piano por Pedro Burmester, um amigo que se junta a nós nesta data especial. A segunda parte é exclusivamente preenchida com uma obra que encomendámos a António Pinho Vargas, compositor e músico com quem a Culturgest tem uma estreita ligação desde há muitos anos. Trata-se de um *Magnificat* para coro e orquestra, em que o Coro Gulbenkian, que generosamente quis participar, se junta à Orquestra Metropolitana, sob a direção de Cesário Costa, ele também um maestro que se tem apresentado com frequência no nosso palco maior. Um concerto que esperamos fique na vossa memória.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
